

POESIA CABO-VERDIANA PÓS-75: DA EUFORIA AO DESENCANTO

Vanessa Ribeiro Teixeira*

5 de julho de 1975.

Essa é a data oficial da independência do arquipélago de Cabo Verde, mantido por cerca de cinco séculos sob domínio português. A nação, entre a euforia e a esperança, comemora a conquista da possibilidade de escrever o próprio destino.

A poesia, por seu turno, juntou-se à festa, apesar de ter-se já desgarrado do cânone metropolitano há décadas, pontualmente, desde a publicação da Revista *Claridade* e das produções de seus principais nomes, Jorge Barbosa, Baltasar Lopes (Oswaldo Alcântara) e Manuel Lopes. *Claridade* foi o marco inicial na busca por uma dicção lírica com as cores da terra cabo-verdiana, seus dramas (sobretudo, o terralongismo) e suas singularidades culturais, associadas a inovações da forma. Em 1944, surge a revista *Certeza*, que imprime um olhar crítico incisivo e politizado sobre a realidade quotidiana do ilhéu, donde se destacam a seca, a fome e a miséria como motivadores para a evasão. Com o *Suplemento Cultural*, do *Boletim de Cabo Verde* (1958), e o suplemento *Seló* (1962), do jornal *Notícias de Cabo Verde*, vemos um endurecimento do discurso crítico contra o colonialismo, associado ao compromisso de “ficar para resistir” na defesa da terra amada, assumidamente africana.

Enfim, a terra foi liberta e a poesia resistiu. Mesmo quando produzida por cabo-verdianos na diáspora; aqueles que estão fora nunca desistiram das Ilhas. A poesia pós-75, dentro e fora do Arquipélago, vai investir no discurso celebratório da libertação, na valorização da Pátria independente e na busca incessante pelas raízes da cultura cabo-verdiana. Entre 1976 e 1980, podemos destacar pelo menos duas vertentes dialogantes no que se refere à reflexão – permanente, aliás – sobre a cultura e a literatura das Ilhas.

Por um lado, afirma-se uma geração que aposta na criouldade, assumindo para a linguagem poética a excelência e a importância do crioulo falado no dia a dia do cabo-verdiano. Embora, desde Eugénio Távares, nos anos 20 do século passado, o crioulo tenha um lugar reconhecido na poesia local, com o grupo formado pelos “representantes da poesia de expressão dialetal” (Manuel Ferreira), entre eles, Sukrato, Tacalhe, Sérgio Frusoni e, sobretudo, Kaoberdiano Dambará, a língua cabo-verdiana ganha status de língua poética, saindo do lugar de elemento exótico ou símbolo da cultura popular “convidado” para a composição lírica. Com Kaoberdiano Dambará, por exemplo, o crioulo é o elemento-base da empreitada estético-poética:

* Doutora em Literaturas Portuguesa e Africanas de Língua Portuguesa (UFRJ) e Professora Adjunta do Setor de Literaturas Africanas de Língua Portuguesa (UFRJ)

Nh'armum

Bo bem di londji, pirsiguido
 Na bo odjo, bo tarsê ma di ka sê kanto seklo;
 Na bo boka, um sagredo bem gardado;
 Bo kabé ê tera'l pensamento;
 Bo sangui ê mar brabo
 Tarabida kadjau na ria

Dikansa no bem kombersa,
 Xinta bo bem flam, 'm ta pidi' u!
 Nôs ê fidjo di kél um Sol,
 Nôs sangui ê kél um ta korê na vea.
 Ma ê kél: _ branco dja suparano,
 Bo ta diskunfia di mi!

Meu irmão

Tu vieste de longe, perseguido
 Trazes não sei quantos séculos nos teus olhos
 Na tua boca, um segredo bom guardado...
 A tua cabeça é uma terra de pensamento
 O teu sangue é o mar bravio
 Revolvendo calhaus na areia...

Descansa e vem conversar comigo
 Senta-te e vem dizer-me, peço-te!
 Nós somos os filhos do mesmo sol
 O nosso sangue é o mesmo
 Correndo nas veias...
 Mas é isso: o branco dividiu-nos,
 Não confias em mim!
 (In: ANDRADE, 1975, p. 129-130)

O poema de Dambará investe na tarefa de trazer o outro, o irmão distante, para mais perto. É essa iniciativa se dá tanto pelo conteúdo revelado quanto pela forma que o revela. O crioulo é a língua criada pelos cabo-verdianos, a língua que os irmana. Escrever em crioulo é já o próprio convite para a união necessária à construção do novo país.

Outro caminho aberto para a poesia pós-75 é o da construção de um discurso grandiloquente, de cariz épico, no qual a exaltação das coisas da terra (suas dores e delícias) está associada a uma atividade de intensa renovação estética. O burilar da linguagem, a subversão da forma e a exploração das potencialidades gráficas na confecção do poema, junto aos elementos-símbolo da vida em Cabo Verde (o mar, o milho, a cabra, o tambor), são as marcas da poesia de nomes como Corsino Fortes e João Vário.

Corsino, reconhecido como uma das principais vozes da lírica cabo-verdiana pós-independente, faz de Cabo Verde mote e glosa, homenageado e principal destinatário de toda a sua poesia. O projeto poético ao qual se dedicou por décadas, isto é, a

trilogia constituída pelas obras *Pão & Fonema* (1973), *Árvore & Tambor* (1986) e *Pedras de Sol & Substância* (2001) – todos reunidos numa edição intitulada *A cabeça calva de Deus*, em 2001 – é tão ousado quanto meticuloso. Quase três décadas separam o primeiro do último volume e certamente vários e diferentes olhares sobre Cabo Verde vão costurar a trilogia. No entanto, algumas características se mantêm: a estrutura de uma poesia épica contemporânea, que encena a existência heroica (ou sobrevivência heroica) do povo cabo-verdiano, através de volumes divididos em Cantos temáticos, e o labor em torno da concretude da palavra. Nesse sentido, a “Proposição” de *Pão & Fonema*, primeiro volume da Trilogia, apresenta o motivo do fazer poético:

Ano a ano
crânio a crânio
Rostos contornam
o olho da ilha
Com poços de pedra
abertos
no olho da cabra
E membros de terra
Explodem
Na boca das ruas
Estátuas de pão só
Estátuas de pão sol
Ano a ano
crânio a crânio
Tambores rompem
a promessa da terra
Com pedras
Devolvendo às bocas
As suas veias
De muitos remos
(FORTES, 2001 [1973], p. 13)

Na sequência, “De Boca a barlavento”, primeiro poema do Canto Primeiro, mimetiza o trabalho estético que coloca a palavra num lugar de potencialidade lúdica e instrumento de trabalho braçal:

DE BOCA A BARLAVENTO

I
Esta
a minha mão de milho & marulho

Este
 o sol a gema E não
 o esboroar do osso da bigorna
 E embora
 O deserto abocanhe a minha carne de homem
 E caranguejos devorem
 esta mão de semear
 Há sempre
 Pela artéria do meu sangue que g
 o
 t
 e
 j
 a
 De comarca em comarca
 A árvore E o arbusto
 Que arrastam
 As vogais e os ditongos
 para dentro das violas
 (FORTES, 2001 [1973], p. 16)

A poesia de Corsino Fortes, apesar de profundamente integrada à cultura cabo-verdiana, se universaliza na medida em que percebemos sua incansável procura pela inovação do verbo e do verso, numa nova perspectiva conceitual da linguagem. Para Elsa Rodrigues dos Santos,

(...) sem perder nunca de vista a comunicabilidade épica de uma nação e um povo em movimento, esse trabalho de ourives sobre a palavra escrita não é incompatível com o pendor profético conotado pela unidade mínima do som, o fonema, que faz do predador um auditor e um oráculo, um sujeito mediador entre os sons do universo e o augúrio do futuro. O profetismo, aliás, é recorrente na poesia africana, oral ou escrita. (SANTOS; LARANJEIRA, 1995, p. 232-233)

Após a década de 80, outros foram os caminhos percorridos pela lírica cabo-verdiana. Uma sombra de distopia começa a sobrevoar as Ilhas, onde só nuvens de chuva eram desejadas. A percepção de um certo vazio cultural no Arquipélago, além da constatação de que os problemas da terra – a fome, a miséria, a migração – não foram sanados, impulsiona uma poesia ora desiludida, ora urgente em reencontrar o caminho da esperança. O sentimento distópico, de uma maneira geral, vai deslocar os interesses pelos dramas sociais locais para reformulações líricas existenciais e individuais universalizantes. Apostase, também, nas reflexões metapoéticas.

O marco dessa geração de “novíssimos poetas de Cabo Verde” – palavras de José Luís Hopffer Almada – é a publicação da antologia *Mirabilis: de veias ao sol* (1991), organizada pelo mesmo J.L. Hopffer Almada. Trazendo para o título o nome de uma planta que resiste às agruras do deserto (*mirabilis*), a antologia reúne os nomes da po-

esia cabo-verdiana pós-75, de forma a afirmar a sobrevivência do verbo e do verso, mesmo em tempos de certo desencanto literário. Eis a apresentação da antologia, escrita por J.L. Hopffer Almada:

Fustigada pelos ventos (da incompreensão!), pelo sol (da hipocrisia!), pelos tempos vários do mau tempo literário, desse tempo querendo-se vegetação literária. No deserto cresce a “geração” *mirabilica*, feita signo na margem desértica do mar. De Veias ao sol. As veias da indagação. As veias alagadas da terra das estradas, da poeira do dia a dia, do *massapé* dos campos, do lixo dos caminhos suburbanos, do desespero recoberto de moscas, baratas e outros vermes. (...) Uma única rosa é a *Mirabilis*, e dela queda um sol de sangue. O sol da poesia *mirabilica*. (ALMADA, 1998, p. 34)

Por entre as linhas do discurso lírico de cinquenta e sete novos poetas, encontramos alguns signos poéticos do tempo, como o vazio, o tédio, a angústia, etc. Os versos de David Hopffer Almada são, nesse sentido, emblemáticos:

Tédio

Tédio. Somente tédio.
Grandessíssimo tédio.
Em volta um cheiro a merda.
Atmosfera sufocante
Magotes que se comprimem
Eu só na multidão.
Ao longe um redemoinho de sons
Dentro de mim a solidão.
Do meu peito quer sair um grito
Que não sai
Meus pés querem andar correr.
Redoma que me envolve
Forças que se esvaem
Vontade que se perde
Tempo que é prisão.
(*Mirabilis: de veias ao sol*, 1998, p. 138)

Uma ausência de projetos, um vazio, uma solidão. O homem no centro do poema pode estar em Cabo Verde, assim como em qualquer lugar do mundo. O desencanto está no indivíduo e é universal. Num ensaio escrito para a revista brasileira *Navegações* (2011, vol. 4, n. 1), J.L. Hopffer Almada aponta para esse “evasionismo temático”, processo em que Cabo Verde parece se ausentar da poesia, como uma das características desse novo fazer poético. No entanto, a pluralidade de discursos e intenções que atravessam a antologia dá-nos a impressão de que é impossível definir-lhe a rota, o que é, literariamente, bastante positivo. Diz-nos Elsa Rodrigues dos Santos:

(...) talvez esta “geração mirabilica” (...) fique na história da poesia cabo-verdiana como aquela que, numa profusão de estilos, temas e linguagens, incorporou o crioulo, o francês, o inglês, o português, a militância ou a marginalidade, ensaiando experiências tão diversas que se torna problemático resumilas. (SANTOS; LARANJEIRA, 1995, p. 248)

Por outro lado, a antologia também abre as portas para o lirismo feminino e o dizer poético singular da intimidade da mulher. Duas poetisas, aí, merecem destaque: Dina Salústio e Vera Duarte. Na escrita dessas mulheres, o amor idealizado (quase incorpóreo) perde espaço para as confissões do desejo feminino e para as ranhuras cotidianas das relações íntimas. O sujeito poético de Dina parece encolher-se a um canto da casa, que é recorrentemente imagem-símbolo do saber feminino, para questionar os caminhos dos enlaces que o destino ofertou:

Por que havias de chegar
num dia enevoadado de bruma
nessa manhã de vento forte que me roubou
a (minha) máscara?
Por que havias de entrar
num dia de porta aberta
e me surpreender nua
a um canto tiritando
procurando confusa os trapos
para me tapar?
Por que nesse maldito dia
em que desprevenida
lavava uma saudade
e arrumava a um canto
um tempo que me doía?
Por que terias que me abraçar
e me chamar mulher
e abrir a janela e inventar um sol
sussurrar uma canção?
Para quê?
Se foi o tempo de um cigarro?

Praia, 1986

(*Mirabilis: de veias ao sol*, 1998, p. 164)

O sujeito indagante assume-se como “mulher”, desconcertada, desprotegida e nua, alvo do desejo masculino metaforizado pelo “tempo de um cigarro”. Essa mulher que se desnuda para a poesia potencializa o caráter inovador da poesia mirabilística, na medida em que toma para si o protagonismo da narrativa sobre o próprio corpo.

A literatura cabo-verdiana surge-nos como terreno fértil para a produção poética de autoria feminina. Outra mulher que se destaca nesse universo é Vera Duarte. Nascida no Mindelo, contemporânea de Dina Salústio, Vera também publicou em *Mirabilis – de veias ao sol* (“Exercícios Poéticos”), além de colaborar com diversas revistas e periódicos, desde os anos 80, entre eles *Mudjer*, *Fragmentsos*, *Ponto & Vírgula*, entre outros. Em livro, publicou *Amanhã amadruçada* (1993), seguido de *O arquipélago da paixão* (2001) e *Preces e súplicas ou os cânticos da desesperança* (2005).

Sua poesia consegue reunir, a um só tempo, as problemáticas relações do ilhéu com o mar e com a terra, os problemas sociais, o desejo de liberdade da nação, do corpo, da mulher. Ao longo de seus versos, muitas vezes, nação e mulher são sinônimos. Segundo Maria do Carmo Sepúlveda:

(...) Sua poesia traz nítidas as marcas de uma bem definida posição política, além de deixar emergir o forte erotismo que caracteriza sua grande sensibilidade. Vera se coloca como poeta que interpreta os sentimentos e desejos de seu tempo e de seu espaço, sua obra é o extravasamento em forma de poesia do “sentir” que capta nas pessoas que a rodeiam. Assim, sua voz expressa o desejo de falar não só de suas companheiras, mas de seu povo, pois, com sua escrita, ela ultrapassa o mundo feminino e alcança o universo do humano em sua essência ilimitada (...).” (SEPÚLVEDA, 2000, p. 330)

Já em *Amanhã amadrugada*, seu livro de estreia, o cuidado com a palavra é flagrante, o que se reflete no cuidado com a terra, com as gentes, com a luta:

Ai se um dia...

Ai se um dia Outubro chovesse
a terra molhasse
o milho crescesse
e a fome acabasse

Ai se o milho crescesse
a fome acabasse
o homem sorrisse
e a terra molhasse

Ai se o homen sorrisse
a terra molhasse
a fome acabasse
e a chuva caísse

Ai se um dia...

Acordemos camaradas
As chuvas de Outubro não existem!
O que existe
É o suor cansado
Dos homens que querem

O que existe
É a busca constante
Do pão que abundante virá

Homens mulheres crianças
Na pátria livre libertada
Plantando mil milharais

Serão a chuva caindo
 Na nossa terra explorada
 (DUARTE, 1993, p. 99)

O sujeito poético revelado é um sujeito desejante, não de utópicas chuvas, mas de esperanças convertidas em ação e não somente em espera. Ao longo das quatro primeiras estrofes, a repetição de vocábulos e a aliteração dos verbos no pretérito imperfeito do subjuntivo (“chovesse”, “molhasse”, “sorrisse”) metaforiza um círculo vicioso de esperas. No entanto, essa inércia é quebrada por um “Acordemos camaradas”. A palavra de ordem traz o cabo-verdiano para a realidade presente, que precisa de trabalho e não de súplicas.

Entre o espaço e o sujeito, entre as Ilhas e o mundo, entre a fome de pão e de letra, a poesia cabo-verdiana vem traçando caminhos diversos de concepção crítica e formal, o que permite com que ela saia do eterno lugar fundacional da busca pela identidade literária – fundamental, mas perigosamente dogmático – e aposte na potencialidade universalizante da escrita poética. Cabo Verde está no mundo, assim como o mundo está em Cabo Verde.

Resumo: A poesia pós-75, dentro e fora do arquipélago caboverdiano, vai investir no discurso celebratório da libertação, na valorização da Pátria independente e na busca incessante pelas raízes da cultura cabo-verdiana. Entre 1976 e 1980, podemos destacar pelo menos duas vertentes dialogantes no que se refere à reflexão – permanente, aliás – sobre a cultura e a literatura das Ilhas. Por um lado, afirma-se uma geração que aposta na criouldade, assumindo para a linguagem poética a excelência e a importância do crioulo falado no dia a dia do cabo-verdiano. Outro caminho aberto para a poesia pós-75 é o da construção de um discurso grandiloquente, de cariz épico, no qual a exaltação das coisas da terra (suas dores e delícias) está associada a uma atividade de intensa renovação estética. Além desses direcionamentos, deparamo-nos, também, com o lirismo feminino e o dizer poético singular da intimidade da mulher.

Palavras-chave: Cabo Verde; Poesia pós-1975; renovação estética.

Résumé: La poésie post-1975, à l'intérieur et à l'extérieur de l'archipel capverdien, investit dans le discours de célébration de la liberté, dans la valorisation de la Patrie indépendante et dans la quête inlassable des racines de la culture du Cap-Vert. Entre 1976 et 1980, nous pouvons y distinguer au moins deux voies en dialogue permanent en ce qui concerne la réflexion – continue d'ailleurs – sur la culture et la littératures des Îles cap-verdiennes. D'un autre côté, on voit s'affirmer une génération qui mise sur l'importance d'une créolité, en assumant l'excellence et l'importance du créole parlé au jour le jour pour la construction du langage poétique capverdien. Une autre voie ouverte à la poésie post-75 est celle de la construction d'un discours grandiloquent, de base épique, dans laquelle l'exaltation de choses de la terre (ses douleurs et ses délices)

s'associe à une activité de renouvellement esthétique très évident. Au-delà de ces voies déjà présentées, on retrouve aussi le lyrisme féminin et le langage poétique singulier de l'intimité de la femme.

Mots-clés: Cap Vert; Poésie post-1975; Renouvellement esthétique.

Abstract: Post-75 poetry, inside and outside the Cape Verdean archipelago, will invest in the celebratory discourse of liberation, in the valorization of the independent homeland and in the incessant search for the roots of Cape Verdean culture. Between 1976 and 1980, we can emphasize at least two dialogical aspects regarding the reflec-

tion - permanent, incidentally - on the culture and literature of the Islands. On the one hand, it affirms a generation that bets on the crioliness, assuming for the poetic language the excellence and importance of the Creole spoken in the daily life of Cape Verde. Another open path to post-75 poetry is the construction of a grandiloquent epic discourse in which the exaltation of earthly things (their pains and delights) is associated with an activity of intense aesthetic renewal. In addition to these directions, we also find feminine lyricism and the singular poetic saying of woman's intimacy.

Keywords: Cape Verde; Poetry post-1975; Esthetic renovation.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMADA, José Luís Hopffer Cordeiro (recolha, organização, seleção e apresentação). *Mirabilis de veias ao sol*: antologia panorâmica dos novíssimos poetas cabo-verdianos. 1ª reimpressão corrigida. Praia: Instituto de Promoção Cultural, 1998.
- ANDRADE, Mario Pinto de. *Antologia temática de poesia africana*. Lisboa: Livraria Sá da Costa, 1975.
- DUARTE, Vera. *Amanhã amadrigada*. Lisboa: Veja, 1993.
- FORTES, Corsino. *A cabeça calva de Deus*: obra poética de Corsino Fortes. Lisboa: Dom Quixote, 2001.
- SANTOS, Elsa Rodrigues dos. O movimento da *Claridade*, Jorge Barbosa e Manuel Lopes. In: LARANJEIRA, José Pires. *Literaturas Africanas de Expressão Portuguesa*. Lisboa: Universidade Aberta, 1995, p. 189-198.
- SEPÚLVEDA, Maria do Carmo. Duarte: Vera poesia multifacetada no espelho cabo-verdiano. In: SEPÚLVEDA, Maria do Carmo & SALGADO, Maria Teresa. *África & Brasil: letras em laços*. Rio de Janeiro: Editora Atlântica, 2000, p. 329-347.